

10

A adolescência e a identidade

O estudo da identidade em nossa época é tão importante como foi a sexualidade no tempo de Freud.

Erikson (1956)

Uma das tarefas essenciais da adolescência é a estruturação da identidade. Embora comece a ser "contruída" desde o início da vida do indivíduo, é na adolescência que ela se define, se encaminha para um perfil tomando esta experiência um dos elementos principais do processo adolescente.

A identidade, como a própria palavra define, se organiza por identificações: inicialmente com a mãe, logo em seguida com o pai e depois com os outros elementos da família e, finalmente, com professores, amigos, ídolos (esporte, cinema, música, televisão, etc.) e pessoas da sociedade em geral. Isto não significa que a identidade seja uma "colcha de retalhos" — embora no início possa ser efetivamente assim — mas ela é, na verdade, um "amálgama" em que várias experiências de identificação se "fundem".

Vejamos como se dão algumas destas etapas. Inicialmente, o bebê vive num estado de "fusão" com a mãe e, para ele, todo "o universo" é constituído por ele próprio (incluindo a mãe). Aos poucos, a mãe (por "melhor" que possa ser) vai introduzindo frustrações que permitem ao bebê perceber "a realidade". Permanece, entretanto, uma ligação importante com a mãe que exige uma "intromissão-benéfica" do pai. Ele como que "rompe" este vínculo simbiótico e, ao se apresentar ao bebê e à mãe, transforma o que era uma dupla em

um triângulo. Ele se oferece, assim, como um elemento importante e fundamental para identificação, agora não mais restrita à figura materna. Este é um momento fundamental e estruturante para a criança. Posteriormente, outras pessoas da família, amigos e vizinhos se colocam para esta experiência identificatória e, em seguida, os professores. Assim é que acontece na infância.

Na adolescência, além da identificação, principalmente com os pais, chama a atenção os seguintes elementos na construção da identidade:

- o grupo de adolescentes é um dos mais importantes para a busca de identificação. Esta ocorre com aspectos parciais de um ou outro amigo ou com a figura de um "líder" da turma. No grupo se oferecem situações variadas e múltiplas que são necessárias para os jovens. As características dos amigos ou do grupo que o adolescente busca nos dão uma idéia, inclusive, de suas dificuldades: por exemplo, quando um adolescente troca de "turma", passando de uma com características mais adequadas para uma outra com peculiaridades negativas, estamos frente a um indicador de "problemas" do próprio adolescente, o que deve passar a merecer uma "atenção" dos pais;
- personagens de grupos musicais, atletas, astros de cinema ou televisão constituem também importantes elementos para identificação. Os adolescentes experimentam, às vezes, uma identificação tão maciça com um destes personagens que parecem assumir sua identidade: falam como eles, vestem-se da mesma forma, adquirem seus maneirismos, não sendo raro que tal situação se prolongue por um longo tempo... para preocupação dos adultos que têm em sua casa um "roqueiro de *heavy metal*" ou uma "histrionica adolescente de novela de televisão"; e
- os professores também são pessoas importantes para os adolescentes se identificarem e, neste sentido, têm uma participação essencial no processo. A maioria das pessoas adultas é capaz de lembrar de professores importantes, com os quais se identificou, da mesma forma que daqueles com os quais buscou ser completamente diferente.

A organização da identidade é um processo que, como os demais acontecimentos da adolescência, se dá com "turbulências", com "idas-e-vindas", provocando perplexidade e confusão nos adultos. Estar com um adolescente significa muitas vezes ser "inoculado" pela

confusão que o adolescente experimenta em sua mente, através do que — em linguagem especializada — se chama *identificação projetiva*. A "confusão" do adolescente é "altamente contagiosa" e seria ingênuo supor que só o adolescente se identifica com o adulto: este também se identifica com o adolescente. Neste capítulo não poderemos deixar de comentar mais uma vez como os adultos se identificam com os adolescentes ou com aspectos deles.

O surgimento de alguém cronologicamente adolescente no grupo familiar faz com que todo o grupo "adolesça": os pais têm seus aspectos adolescentes despertados e os irmãos mais moços também. Todos, identificados com o adolescente, começarão a apresentar — em maior ou menor grau — sentimentos e condutas adolescentes.

Os aspectos adolescentes dos pais, "adormecidos", são reativados. O *establishment* é contestado. O casamento está bom? Seria, nesta etapa da vida, de revisar a escolha? Para recomeçar ("se fosse o caso") não teria de ser agora? Vários interrogantes surgem. O adolescente tem um discurso basicamente no futuro, e nós (os "adultos adolescentes"), cada vez mais no pretérito. Eles dizem: eu vou fazer, eu serei, eu quero... Nós nos referimos, cada vez mais, assim: eu fiz, eu sou ou fui, eu queria...

Acontece, então, que alguns pais começam a se vestir como os filhos, a querer mudar sua aparência física, seus hábitos, ficando evidente uma identificação adolescente, chegando mesmo a haver uma "competição" com "as crianças" (na verdade os filhos já adolescentes, condição esta que passa a ser negada ou ignorada).

Os adolescentes "ficam" uns com os outros, namoram, trocam de namorados, e os adultos "ficam", verdadeiramente, com seus parceiros. Poderão, então, surgir fantasias nos pais de "ficar" com outras pessoas, como os filhos fazem, e teremos aí ingredientes para uma crise: crise, como sabemos, que não é necessariamente algo ruim, podendo ser, embora, um momento difícil e doloroso, uma experiência revitalizante para uma relação. Toda a relação sofre um desgaste com o passar do tempo e necessita de cuidados constantes, "manutenção", "conservação", etc. O ideograma chinês para representar "crise" é composto de dois "desenhos", que significam *risco* e *oportunidade*. Esta crise conjugal, ou crise da meia-idade, poderá propiciar um crescimento afetivo.

É evidente que, conforme os pais tenham vivido sua adolescência, as dificuldades deste processo serão maiores ou menores. É importante deixar claro, entretanto, que "alguma crise" acontecerá e que, às vezes, poderá ser útil, dando uma nova dimensão, "reexigendo", revitalizando, os vínculos familiares. Assim, quando falamos de adolescência e identidade temos que, necessariamente, nos referir

à identificação dos cronologicamente adolescentes com os pais e destes com seus adolescentes.

Temos que considerar também um aspecto importante, que é a seguinte questão: que modelos para a identificação dos adolescentes oferece à sociedade brasileira? Quais são os valores éticos e morais que oferecemos aos jovens? São eles adequados ou, ao contrário, são contraditórios ou francamente negativos? Embora cada adulto possa ter uma posição quanto a isso, todos concordarão que pensar nessa questão é fundamental. Em nossa opinião, a sociedade brasileira oferece, principalmente através dos meios de comunicação, da atitude de determinados setores políticos e de líderes empresariais, atitudes éticas e valores que não se constituem em modelos identificatórios positivos. Acreditamos, inclusive, ser desnecessário exemplificar tal posição, fazendo referência apenas — e isto é mais do que necessário — ao "episódio Collor" em seus diferentes desdobramentos. É inegável que a sociedade atual oferece muitos modelos "perversos" para identificação dos jovens.

Leon Grimberg, psicanalista argentino, ao estudar a questão da identidade, a descreve como resultante da integração de três aspectos:

- 1) o vínculo de integração espacial que se relaciona com o esquema corporal e que faz se sentir único;
- 2) o vínculo de integração temporal está relacionado à integração das experiências passadas com as vivências do presente e com a capacidade de imaginar-se no futuro, com um "sentimento de mesmidade";
- 3) o vínculo de sociabilização com os pais e com figuras significativas para o indivíduo.

Para finalizar, queremos enfatizar que, na verdade, os principais modelos para a construção da identidade são os pais.

Referências Bibliográficas

- ABERASTURY, A. e colaboradores. *Adolescência*. Buenos Aires: Ediciones Kargieman, 1973.
- BETTELHEIM, B. *Uma vida para seu filho*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1988.
- GARBARINO, M.; MACEDO, I. *Adolescência*. Montevideo: Editorial Roca Viva, 1990.
- GRIMBERG, L.; GRIMBERG, R. *Identidad y crisis*. Ed. Kargieman, 1971.
- MARCELLI, BRACONNIER. *Manual de psicopatologia do adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- OSÓRIO, L. C. *Adolescência hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

OUTEIRAL, J. O. Distúrbios de conduta na adolescência. In: MAAKAROUN, M.; SOUZA, R.; CRUZ, A. *Tratado de adolescência*. Rio de Janeiro: Editora Cultura Médica, 1991.

SOUZA, R. *Os filhos no contexto familiar e social*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

SOUZA, R.; OSÓRIO, L. C. *Nossos filhos, a eterna preocupação*. 4. ed., Porto Alegre: Globo, 1985.

SPOCK, B. *Adolescência, agressão y política*. Argentina: Granica Editor, 1971.